



GAVAGAI: REVISTA INTERDISCIPLINAR DE HUMANIDADES

GRUPO DE TRABALHO DO MESTRADO DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS ERECHIM

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA / DIRECCIÓN POSTAL / MAILING ADDRESS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS ERECHIM
GAVAGAI - REVISTA INTERDISCIPLINAR DE HUMANIDADES
AV. DOM JOÃO HOFFMANN, 313,
BAIRRO FÁTIMA, JUNTO AO SEMINÁRIO NOSSA SENHORA DE FÁTIMA
ERECHIM / RS . CEP 99700.000
FONE: (54) 3321-7050
E-MAIL: GAVAGAI@GAVAGAI.COM.BR
IMAGENS: CAPA / ARTIGOS • SÉRIE HERITAGE • MARIE HUDELOT

ISSN 23580666

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Gavagai: Revista Interdisciplinar de Humanidades/Universidade
Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim. - Vol. 1, n. 1
(mar./abr. 2014). - Erechim: [s.n.], 2014.

Semestral

1. Periódico. 2. Interdisciplinar. 3. Ciências Humanas.
4. Humanidades. I. Universidade Federal da Fronteira Sul.
II. Título.

CDD: 300

• G A
V • A
G A I

ATILIO BUTTURI JUNIOR

EDITOR-CHEFE / EDITOR JEFE / EDITOR-IN-CHIEF

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

EDITORES EXECUTIVOS / EDITORES EJECUTIVOS / EXECUTIVE

EDITORS

ANI CARLA MARCHESAN

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS

CHAPECÓ (UFFS)

CASSIO BRANCALEONE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS

ERECHIM (UFFS)

FÁBIO FRANCISCO FELTRIN DE SOUZA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS

ERECHIM (UFFS)

JERZY ANDRÉ BRZOZOWSKI

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS

ERECHIM (UFFS)

ROBERTO CARLOS RIBEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS

ERECHIM (UFFS)

ROBERTO RAFAEL DIAS DA SILVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS

ERECHIM (UFFS)

• DESIGN GRÁFICO / DISEÑO / GRAPHIC DESIGN - PEDRO PAULO VENZON FILHO •
IMAGENS / IMÁGENES / IMAGES - MARIE HUDELLOT • REVISÃO/ REVISIÓN/
REVISION - ANI CARLA MARCHESAN • **ROBERTO CARLOS RIBEIRO** • CASSIO
BRANCALEONE • **ROSÂNGELA PEDRALLI** • FÁBIO FRANCISCO FELTRIN DE SOUZA •
JERZY ANDRÉ BRZOZOWSKI

CONSELHO EDITORIAL

CONSEJO EDITORIAL / EDITORIAL BOARD

• ARMANDO CHAGUACEDA - UNIVERSIDAD VERACRUZANA (MÉXICO) • **BIANCA SALAZAR GUIZZO** - **UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL (ULBRA)** • CARLA SOARES - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA (PUC-RJ) • **DANIELA MARZOLA FIALHO** - **UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)** • DÉCIO RIGATTI - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)/ UNIRITTER • **DURVAL MUNIZ ALBUQUERQUE JUNIOR** - **UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)** • ELIANA DE BARROS MONTEIRO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO (UNIVASF) • **ELIO TRUSIAN** - **UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI ROMA LA SAPIENZA (ITÁLIA)** • FÁBIO LUIS LOPES DA SILVA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC) • **FELIPE S. KARASEK** - **INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO CULTURAL (IDC)** • FERNANDA REBELO - UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA) • **GIZELE ZANOTTO** - **UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO (UPF)** • JOSÉ ALVES DE FREITAS NETO - UNIVERSIDADE DE CAMPINAS (UNICAMP) • **KANAVILLIL RAJAGOPALAN** - **UNIVERSIDADE DE CAMPINAS (UNICAMP)** • MARGARETH RAGO - UNIVERSIDADE DE CAMPINAS (UNICAMP) • **MARIA ANTONIA DE SOUZA** - **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA (UEPG)/ UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ (UTP)** • MARIA BERNADETE RAMOS FLORES - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC) • **NATÁLIA PIETRA MÉNDEZ** - **UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)** • NELSON G. GOMES - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB) • **PATRÍCIA GRACIELA DA ROCHA** - **UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL (UFMS)** • PATRICIA MOURA PINHO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA (UNIPAMPA) • **PAULA CORRÊA HENNING** - **UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG)** • PEDRO DE SOUZA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC) • **RAFAEL JOSÉ DOS SANTOS** - **UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL (UCS)** • RAFAEL WERNER LOPES - INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO CULTURAL (IDC) • **RAUL ANTELO** - **UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)** • RICARDO ANDRÉ MARTINS - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE (UNICENTRO) • **ROBERTO MACHADO** - **UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)** • RODRIGO SANTOS DE OLIVEIRA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG) • **ROSÂNGELA PEDRALLI** - **UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)** • SUZANA G. ALBORNOZ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG) • **VIVIANE CASTRO CAMOZZATO** - **UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL (UERGS)** •



**A MEMÓRIA É CINZA:
CONSIDERAÇÕES SOBRE OS AFOGADOS
E OS SOBREVIVENTES,
DE PRIMO LEVI**

Resumo: Neste artigo, trata-se de refletir sobre algumas repercussões do conceito de zona cinzenta, elaborado pelo escritor judeu italiano Primo Levi no terceiro livro de sua Trilogia de Auschwitz. Em particular, tentarei compreender como essa noção rebate sobre as meditações de Primo Levi a respeito da mendacidade da memória. A ideia é mostrar que – se, como Levi indica, a memória provém da zona cinzenta, onde a condição de que se sobreviva é a de que um outro morra em seu lugar – o único acontecimento narrável, isto é, o que o sobrevivente viveu, se constitui mas também se descompleta em uma relação íntima e indissolúvel com o que sucedeu aos que morreram, esse enigma inenarrável que o sobrevivente, estando na zona cinzenta, tangenciou mas não experimentou.

Palavras-chave: Testemunho. Holocausto. Zona Cinzenta.

FÁBIO LOPES DA SILVA

Primo Levi acabara de se formar em química pela Universidade de Turim quando, na tentativa de unir-se a grupos guerrilheiros que lutavam contra o fascismo, foi capturado pelas milícias da República de Salò.¹ Inicialmente confinado em um campo de prisioneiros na própria Itália, foi em seguida remetido a Buna-Monowitz, uma das unidades do complexo de Auschwitz. Fisicamente frágil e, de resto, bem pouco apto a comunicar-se nas línguas mais faladas no campo, Levi era um forte candidato às câmaras de gás ou à morte por extenuação ou fome. Salvou-se, contudo, graças a uma sucessão de acontecimentos inesperados e coincidências.

Ainda em Auschwitz, começou a escrever. Libertado pelos russos em 1944, retomou febrilmente o exercício de tentar compreender em letra de forma a experiência por que ele e seus companheiros de desdita haviam passado. Começava, assim, uma carreira literária brilhante, que, ao longo dos quarenta anos seguintes, estendeu-se por quase todos os gêneros e produziu aquela que talvez seja a mais inquietante reflexão a respeito do nazismo e dos campos de extermínio.

Da larga bibliografia assinada por Primo Levi, destacarei aqui a sua famosa Trilogia de Auschwitz, um conjunto de textos não-ficcionais em que o autor recorda e analisa o período que vai de sua detenção aos meses que se seguiram à libertação.

O mais antigo título da Trilogia – que é também o primeiro livro lançado por Primo Levi – chama-se *É isto um homem?*. Trata-se de uma obra espantosamente reflexiva, tanto mais se se considera que foi escrita por um jovem de 26 anos, em um momento em que ainda se contavam os mortos caídos durante a guerra. O livro veio a público em 1947, sob o selo da modesta De Silva, de Turim. Dos 2,5 mil exemplares produzidos, a maior parte permaneceu nos estoques da editora, até ser destruída em uma enchente, em 1966. A obra só veio de fato a circular a partir de 1958, quando umas das maiores casas editoriais italianas, a Einaudi, que inicialmente rejeitara os originais, decidiu publicá-la.²

O segundo livro da série, *A trégua*, de 1963, narra o retorno de Primo Levi à Itália, uma viagem absurda e comovente, repleta de encontros e despedidas, que durou perto de um ano.

Fecha a Trilogia um volume originalmente publicado em 1986 sob o título de *Os afogados e os sobreviventes*. Concluído às vésperas da morte de Primo Levi – provavelmente um suicídio³ –, o livro é uma sucessão de ensaios em que o autor retoma e desenvolve os temas levantados nas obras precedentes.

Neste artigo, debruço-me sobre esses três livros – com ênfase no primeiro e, principalmente, no último – a propósito de fazer avançar algumas notas a respeito daquilo que os move: a memória e o testemunho. Em particular, trata-se de refletir sobre um certo fracasso que, de acordo com Primo Levi, atravessa e constitui o exercício de recordar a experiência vivida. Procurarei mostrar que, à medida que a obra de Primo Levi se desdobra, as meditações sobre a mendacidade da memória se depuram, até atingir sua formulação mais aguda e consequente em *Os afogados e os sobreviventes*. Tentarei argumentar que, no centro de tal depuração, está a proposição, em 1986, do conceito de zona cinzenta, com o qual o autor pretende recobrir todo um imenso, intrincado e heterogêneo domínio de práticas e subjetividades que se interpõe entre os nazistas e aqueles que, no jargão do campo eram chamados de ‘muçulmanos’, isto é, os prisioneiros que, sucumbindo completamente à escravidão, transformavam-se em “vermes ocos e sem alma”. (LEVI, 1988, p. 56)

Na zona cinzenta, estão os canalhas totais, a começar pelos capatazes arregimentados entre os presos para vigiar e punir os seus semelhantes. Mas nela figuram também indivíduos mais ou menos comuns que, em nome da sobrevivência, cometeram pequenas maldades ou simplesmente aceitaram passivamente ínfimas vantagens. O próprio Primo Levi tem clareza de que suas habilidades de químico – que lhe renderam uma função menos penosa na fábrica de borracha do campo – lançaram-no na zona cinzenta e, no limite, possibilitaram que ele fosse um dos 18 prisioneiros a sobreviver entre os mais de 600 que com ele dividiram o trem em que foi deportado para Auschwitz.⁴ O caso de Primo Levi não é excepcional: é da zona cinzenta que provém a maior parte dos que escaparam da morte nos campos. Entre os sobreviventes, escreve Primo Levi, “são muito mais numerosos os que na prisão gozaram de algum privilégio” (LEVI, 2005, p. 18). A história dos campos, se há uma, é a história contada por eles.

Notável contraste: em *É isto um homem?*, Auschwitz é, indistintamente, para todos os prisioneiros, “o fundo” – o último estágio da degradação humana. Já em *Os afogados e os sobreviventes*,

¹ Deposto em junho de 1943 pelo Grande Conselho do Fascismo, Mussolini é encarcerado em uma prisão no Gran Sasso. Assume o poder em seu lugar o General Pietro Badoglio, que imediatamente declara lealdade às forças aliadas. Em ação espetacular, o *Duce* é libertado pelos nazistas e, ato contínuo, conduzido ao norte da Itália. Lá, em outubro de 1943, funda a República Social Italiana, também chamada de República de Salò, mercê do nome da cidade em que a sede do governo foi instalada. Mussolini, àquela altura, nada mais era do que um títere Hitler. A Itália mergulha em uma guerra civil. Trata-se do período em que os judeus italianos passam a ser sistematicamente deportados para os campos de extermínio. (MACGREGOR-HASTIE, 1977, cap.VIII)

² Com algumas modificações no texto e um capítulo a mais, chamado “O canto de Ulisses” (PATRUNO, 1995, p. 8)

³ “On 11 April 1987, Primo Levi died at the age of sixty-eight. Many believe it was suicide” [Em 11 de Agosto de 1987, Primo Levi morreu, aos 68 anos. Muitos acreditam que tenha sido suicídio, tradução minha]. (PATRUNO, 1995, p. 6)

⁴ A rigor, cerca de 500 deles já estavam mortos dois dias depois da chegada a Auschwitz. (LEVI, 1988, p. 18)

o autor conclui que, na realidade, ele e os outros que habitaram a zona cinzenta não conheceram verdadeiramente o fim da linha – “não chegaram até o fundo” (LEVI, 2005, p.18). Só os muçulmanos o fizeram, mas estes morreram todos ou voltaram em silêncio, marcados que estavam por ofensas que “a nossa língua não tem palavras para expressar”. (LEVI, 1988, p. 24)

Vejam, pois, como esses ajustes na obra de Primo Levi rebatem sobre a questão da possibilidade e dos limites da memória.

I A MÔNADA INOMINÁVEL E MUDA

Campo de Fóssoli, nas cercanias de Módena, fevereiro de 1944. Ao ser conduzido a um trem apinhado de outros prisioneiros judeus italianos, Primo Levi tinha clareza de que seguia rumo à morte. “Nós já conversáramos com os fugitivos poloneses e croatas”, escreve ele. “Sabíamos, portanto, o que significava partir” (LEVI, 1988 p.13). Ainda assim, uma sensação de alívio percorreu-lhe o corpo tão logo o destino final da viagem – Auschwitz – foi anunciado aos deportados. É que, como Primo Levi observa em seguida, um nome – mesmo aquele, do qual ele, até então, jamais ouvira falar – deve sempre “corresponder a algum lugar deste mundo” (LEVI, 1988, p 16). O que tem nome – Primo Levi parece presumir – pode muito bem ser atroz ou injusto, mas continua a existir *entre* as coisas, continua a guardar alguma semelhança com elas, continua a poder ser medido, analisado, compreendido e, no limite, assimilado. Auschwitz, de resto, é quase um homófono de Austerlitz, o que, no calor da hora, levou Primo Levi a imaginar que o lugar para onde o levavam provavelmente ficasse nas imediações do palco da famosa Batalha dos Três Imperadores, que ele conhecia dos livros de História. Nas circunstâncias tenebrosas em que a viagem transcorria – em vagões selados e sem janelas, onde faltava tudo, a começar por água e comida –, era um consolo nada desprezível agarrar-se à ideia de que, por terrível que fosse, o futuro dos deportados pudesse caber nos mapas decorados desde a infância.

Primo Levi não tardou a concluir que se enganara completamente: Auschwitz não designava “algum lugar na Boêmia”,⁵ nas vizinhanças de Austerlitz, como ele inicialmente supusera. Dir-se-ia que, a rigor, aquele trem macabro – em que ele e os outros permaneceram encerrados por oito dias – não se dirigia nem mesmo à Alta Silésia, na Polônia, mas a uma geografia fantástica, um território à parte. “[E]stamos fora do mundo”, observa, com efeito, Primo Levi acerca de sua chegada ao campo de extermínio (LEVI, 1988 p. 21).

⁵ Essa passagem foi retirada de um documentário chamado *Back to Auschwitz* (PRIMO..., 1983), em que se registra uma visita de Primo Levi a Auschwitz quase quarenta anos depois da libertação. A obra foi produzida e exibida em 1983 pela RAI, rede estatal de televisão italiana. O excerto destacado encontra-se aos 7min 05seg.

Fora do mundo: Auschwitz é “a casa dos mortos” (LEVI, 1988, p. 29), “o limiar do inferno” (LEVI, 1988, p. 27), “o fundo” (LEVI, 1988, p. 15). Ora, ingressar em Auschwitz – ser lançado nessa descida ao fundo – é perder tudo: “Nada é mais nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos e até os cabelos”. Esse processo de destituição subjetiva – cujo saldo é um “ser vazio, reduzido a puro sofrimento e carência, esquecido de dignidade e sofrimento” – atinge em cheio a linguagem: “se falarmos, [os nazistas e seus colaboradores] não nos escutarão – e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubarão também o nosso nome [...]” (LEVI, 1988, p. 25). A bem da verdade, o drama narrado por Primo Levi desenrola-se, em grande medida, no terreno da linguagem: para o autor, o assalto nazista à subjetividade dos prisioneiros decorre certamente de um conjunto de violências e privações físicas e psicológicas, mas não se completa nem talvez alcance os seus mais insidiosos efeitos sem saturar a linguagem. Não por acaso, como se desde logo quisesse indicar essa importância do processo de destruição da linguagem no esvaziamento subjetivo dos prisioneiros, Primo Levi descreve o próprio traslado ao campo de extermínio como uma sucessão de toponímicos cada vez mais estranhos, espinhosos e impronunciáveis: “Pela fresta [da porta do vagão], alguns nomes conhecidos e outros estranhos de cidades austríacas, Salzburg, Viena; depois tchecas; por fim polonesas” (LEVI, 1988, p. 16). Isso que se passa fora dos vagões – o eclipse progressivo da linguagem – encontra o seu exato correspondente no interior do trem: “Ninguém tentava mais comunicar-se com o mundo externo”. Quando o comboio finalmente completa a viagem – “emudecido o ritmo dos trilhos e todo som humano”, anota sintomaticamente Primo Levi –, tudo o que há é uma “planície escura e silenciosa” (LEVI, 1988, p. 17).

Planície escura e silenciosa: estranho lugar. Melhor dizendo, não se trata propriamente de um lugar, mas de um não-lugar, feito de pura negatividade: nada de relevo, nada de luz, nada de som. Uma perturbadora regra-de-três articula-se, então, no texto de Levi: se, como ele acreditava desde o início, um nome corresponde sempre a um lugar, um não-lugar corresponderá a algo assim como um antinome. Com efeito, Auschwitz é, no dizer de Primo Levi, o vértice de uma pirâmide de “nomes inumanos e sinistros” (LEVI, 1988, p. 72).

Ao menos é isso o que ressalta de *É isto um homem?*, do qual todas as citações acima foram retiradas. O fato, contudo, é que, quatro décadas mais tarde, em *Os afogados e os sobreviventes*, Primo Levi já não parece tão certo da ideia de que ser enclausurado em Auschwitz é, necessariamente, permanecer em uma espécie de mônada inominável e muda, “fora do mundo”: o campo, diz ele logo nas primeiras páginas do livro de 1986, “não era um universo fechado” (LEVI, 2005, p. 15).

Ao expressar-se nesses termos, o que Primo Levi tem imediatamente no horizonte é o fato de que a economia

alemã estava profundamente implicada no funcionamento de Auschwitz e congêneres: grandes e pequenas indústrias, assim como propriedades agrícolas e fábricas de armamentos, tiravam proveito do trabalho escravo dos prisioneiros ou lucravam com o fornecimento de matérias primas, de bens de consumo, de alimentos e, claro, das imensas quantidades de gases venenosos de que dependia a vida – e principalmente a morte – nos campos.

Do que se segue em *Os afogados e os sobreviventes*, pode-se depreender, ademais, que, de acordo com o autor, o universo concentracionário – a despeito das pretensões nazistas de que ele existisse como um mundo à parte – era vazado ainda por falhas de ordem operacional em sua intrincada e complexa maquinaria: “até a mais perfeita das organizações têm algum defeito, e a Alemanha de Hitler, sobretudo nos meses anteriores à sua derrocada, estava longe de ser uma máquina perfeita” (LEVI, 2005, p.11).

Mas há um sentido ainda mais sutil e rico de consequências em que, segundo a reflexão desenvolvida no livro, cabe contestar a ideia de que os campos formavam um espaço totalizável. É o que procurarei esclarecer a seguir.

2 A ZONA CINZENTA

Um famoso texto de Jorge Luís Borges trata de cartógrafos que, querendo propor um mapa perfeito do Império a que servem, acabam por construir uma réplica exata do Império sobre o Império. Ora, um mapa que reproduza a complexidade e a opacidade do real é completamente inutilizável: permaneceríamos tão perplexos diante dele quanto o estamos frente a seu referente. Conhecer o real ou mesmo simplesmente falar dele parece exigir necessariamente uma certa dose de simplificação. Na célebre fórmula do filósofo inglês John Langshaw Austin, “a simplificação é a doença profissional dos filósofos, se não for a sua profissão” (AUSTIN, 1961, p. 293). Posição muito semelhante – expressa quase nas mesmas palavras de Austin, se bem que sem a graça delas – é defendida por Primo Levi: “O que entendemos comumente por ‘compreender’ coincide com ‘simplificar’” (LEVI, 2005, p.42). Essa vontade de simplificação, seja dito, não se lhe afigura como uma contingência: suas origens, ele especula, teriam relação com a própria estrutura da linguagem e do pensamento conceptual. Um coisa, no entanto, é dizer que estamos condenados à simplificação e, portanto, a uma certa falsificação do real; outra, completamente diferente, é querer daí fazer *tabula rasa* de todas as tentativas de compreender a realidade: “[o] desejo de simplificação está justificado; a simplificação nem sempre o está” (LEVI, 2005, p. 43). Primo Levi está particularmente preocupado com os fenômenos históricos, que, em suas próprias palavras, frequentemente “não são simples, ou não são simples com a simplicidade que queremos” (LEVI, 2005, p. 43). Mais especificamente ainda, interessa-lhe criticar o gesto recorrente de “reduzir o caudal de acontecimentos humanos aos conflitos, e os conflitos aos combates”, o que certamente abre as portas para que o mundo seja grosseiramente dividido em dois

lados que se opõe radicalmente e se excluem reciprocamente. Em que pesem os sentimentalismos e maniqueísmos de costume, nem mesmo os campos de extermínio podem ser esquematicamente escandidos em “blocos de vítimas e verdugos” (LEVI, 2005, p. 44).

Isso começava a ficar claro já no ingresso dos deportados em Auschwitz e congêneres: os primeiros golpes, as primeiras ordens gritadas, as primeiras ofensas, não vinham de nenhum soldado da SS mas de prisioneiros recrutados para receber os calouros. Atacados de surpresa, e justamente por indivíduos dos quais esperavam acolhimento e solidariedade, muitos dos que chegavam não resistiam à investida e já adentravam o campo à sombra da mais profunda prostração. Mas o ‘fogo amigo’ não parava por aí e tampouco se limitava à ação de um pequeno grupo de prisioneiros abertamente corrompidos pelos nazistas. Nos dias seguintes à chegada de novas levas de deportados, a totalidade dos veteranos mantinha com os novatos uma relação tensa, que facilmente dava lugar à hostilidade e mesmo à violência física: “a multidão desprestigiada dos ‘antigos’ tendia a ver no recém-chegado alguém em quem desafogar sua humilhação, a encontrar a suas custas uma compensação, a criar a suas custas um indivíduo de menor valor a quem repassar o peso dos ultrajes recebidos de cima” (LEVI, 2005, p. 47). Os que, ainda assim, guardavam um mínimo de forças só excepcionalmente o utilizavam na constituição de redes de solidariedade. No campo, só se sobrevive no lugar de um outro: o que consome ainda menos alimento, o que adoece em função do frio porque não consegue os meios para se proteger das intempéries, o que padece de sede ou é destruído pelo trabalho sem descanso, o que é vítima das seleções diárias para as câmaras de gás. Em tais condições, cada camarada não é senão um inimigo, e isso que alhures chamamos eufemisticamente de convivência dá lugar a uma “luta desesperada, oculta e contínua” (LEVI, 2005, p. 45). Ora, é sobretudo daí – da vida convertida em luta de todos contra todos – que nasce a zona cinzenta.

“A condição de prisioneiro”, escreve Primo Levi, “não exclui a culpa, e esta é com frequência objetivamente grave” (LEVI, 2005, p. 53). Contudo, não é o aspecto moral que lhe interessa ressaltar na discussão a respeito da zona cinzenta.⁶ Para ele, há uma exorbitância nas condições do campo,⁷ um excesso que, salvo exceções, parece suspender toda possibilidade de juízos morais a

⁶ De acordo com, Cytrynowicz (no prelo), a participação de judeus na rotina dos campos e no nazismo em geral nada tem quer com “cumplicidade, mas com a natureza política do totalitarismo, conforme Hannah Arendt mostrou extensivamente. O sistema nazista de discriminação, exclusão, deportação, confinamento e extermínio impôs à população judaica um sistema de destruição que incluía subjugar as vítimas com funções e tarefas que implicavam em sua inserção forçada na própria engrenagem de confinamento em guetos e de extermínio nos seis campos instaurados em solo polonês.”

⁷ Segundo Primo Levi, os próprios nazistas tinham consciência desse excesso: “muitos sobreviventes [...] recordam que os soldados da SS divertiam-se em advertir cinicamente os prisioneiros: ‘[...] Ainda que alguma prova [do genocídio] chegasse a subsistir e que algum de vocês chegasse a sobreviver, dir-se-ia que os fatos contados são muito monstruosos para que se creia neles [...]’” (LEVI, 2005, p.9-10)

respeito do comportamento dos detentos: “não conheço tribunal humano ao qual atribuir sua [dos prisioneiros] avaliação” (LEVI, 2005, p. 53). Aos olhos de Primo Levi, isso parece valer até mesmo para certos “casos limite de colaboração” (LEVI, 2005, p. 53), como a dos integrantes dos *Sonderkommandos*, responsáveis, entre outras coisas, por limpar as câmaras de gás, arrancar os dentes de ouro dos mortos, cortar-lhes os cabelos e enterrá-los: “é difícil, quase impossível, imaginar como esses homens viveram dia a dia” (LEVI, 2005, p. 63).

No que se refere à conduta dos prisioneiros, conclui Primo Levi, “[d]eve estar claro que a máxima culpa recai sobre o sistema, sobre a estrutura mesma do Estado totalitário” (LEVI, 2005, p. 22). É, pois, principalmente como um fenômeno intrínseco ao modo de funcionamento do campo que o autor pretende considerar a zona cinzenta e os que de lá emergiram para contar a sua história e a história dos que tombaram.

Um elemento importante nas digressões de Primo Levi a respeito da zona cinzenta está em que, ao contrário do que se poderia supor, a presença de soldados alemães em Auschwitz era muito pequena. De acordo com ele, não restava aos nazistas outra alternativa, dada a quantidade imensa de homens exigida nas frentes de batalha e no controle da parte ocupada da Europa. Em tais condições, o regime hitlerista não podia senão recorrer a terceiros na execução de uma miríade de tarefas formais e informais das quais dependia a rotina do campo⁸. A zona cinzenta é, então, uma condição indispensável para a implementação da chamada solução final. Mas, por isso mesmo, ela deve ser vista como algo da ordem da falta, da falha na estrutura do campo: a máquina de aniquilação, a fim de poder funcionar, precisava, paradoxalmente, manter alguns vivos. Ora, é esse paradoxo, em larga medida, que viabiliza a constituição de uma memória do horror: foi, afinal, pelo buraco que a zona cinzenta introduziu no campo que seu segredo escabroso pôde escapar, na forma de sobreviventes que tiveram a chance testemunhar a respeito do que viveram e dos que morreram.

Mas essa fenda instalada no coração de Auschwitz e dos outras unidades de extermínio não operava apenas no sentido de cavar um certo fracasso no projeto nazista, de estiolá-lo, digamos, de dentro para fora, de barrar-lhe o impulso de totalização. Essa mesma fenda comparece também – para também estiolá-lo – no discurso dos sobreviventes. Explico.

3 A MEMÓRIA É CINZA

Em *Os afogados e os sobreviventes*, Primo Levi se refere à natureza

⁸ Ou, como anota Levi (2005, p. 51), “a zona de poder, quanto mais restrita, mais necessita de auxiliares externos.”

mendaz da memória, o que, a certa altura, ele liga aos limites da cognição humana e às debilidades de nossa psicologia, que reinventa o passado a fim de, por exemplo, se proteger do que ele pode ter de aterrador e doloroso. Penso, no entanto, que não seja daí – isto é, das questões cognitivas ou psicológicas – que venham as mais instigantes terminações do pensamento de Primo Levi sobre o tema.

Já o disse: a memória, ele o indica em *Os afogados e os sobreviventes*, deriva da zona cinzenta. É a memória – não custa repetir – de quem, à diferença dos que morreram em seu lugar, não tocou o fundo. Nesse sentido, o que então se rememora? O acontecido, claro. Mas, por outro lado, sobressai da escrita de Levi que a rememoração só é possível aos sobreviventes na medida em que algo não lhes aconteceu; na medida em que, se quiserem, o acontecido se encontra fendido por um não-acontecido; na medida em que esse não-acontecimento – a experiência radical de Auschwitz – se inscreve como falta no interior do acontecido narrado. Para jogar um pouco com as palavras, cabe dizer que, no campo da memória, há uma zona cinzenta, uma fenda, mas não apenas, nem principalmente, porque algo no meio do caminho entre o passado e o presente foi esquecido ou distorcido. O buraco, como se diz frequentemente por aí, é mais embaixo: a fenda é estrutural, esteve desde sempre lá – estava já na própria cena do acontecimento, na medida em que esse acontecimento não se completou, não aconteceu inteiramente, vazado que sempre esteve pela morte ou o silenciamento total de um outro, isto é, pelo que, tendo acontecido a esse outro, não aconteceu ao sobrevivente. Para dizê-lo ainda de uma outra maneira: não se trata propriamente de afirmar que a narrativa do sobrevivente refere-se a algo que lhe aconteceu em lugar do que lhe deveria ter acontecido; trata-se, antes, de dizer que o único acontecimento narrável – o que o sobrevivente viveu – se constitui mas também se descompleta em uma relação íntima e indissolúvel com o que sucedeu aos que tocaram o fundo, esse enigma inenarrável que o sobrevivente, estando na zona cinzenta do campo, tangenciou mas não experimentou.

Dramática tensão: não há testemunho acerca do campo senão o cinza. A única memória possível da iniquidade é a memória dos que, justamente não tendo conhecido Auschwitz até o talo, podem falar dele, podem narrar o (não) acontecido.

Pergunto-me, em todo caso, se isso que, a partir do texto de Primo Levi, pode-se concluir a respeito da memória do campo não se estende, em alguma medida, a toda experiência humana, ou, pelo menos, para não ser tão ambicioso em minha proposição, à experiência moderna. Não estamos nós, pela vida toda e neste exato momento, na zona cinzenta do mundo, no limiar das grandes injustiças, das exclusões, das matanças? Não é esse o nosso posto entre as coisas? Não é, portanto, a nós que cumpre testemunhar em nome daqueles que morrem ou são reduzidos ao silêncio em

nosso lugar?

É bem verdade que, até o fim da vida, Primo Levi guardou alguma reserva diante das tentativas, tão difundidas, de equiparar a política nazista de extermínio a outras formas de violência e aviltamento de seres humanos por outros seres humanos: “o sistema concentracionário nazista permanece ainda um *unicum*, em termos quantitativos e qualitativos”, escreve ele a esse propósito em *Os afogados e os sobreviventes* (LEVI, 2005, p. 23). Mas é também Primo Levi quem, no mesmo texto, observa: “Com o poder compactuamos todos, de boa ou de má vontade, esquecendo-nos de que todos estamos no gueto, de que o gueto está cercado, de que fora do recinto estão os senhores da morte, de que um pouco mais adiante espera o trem” (LEVI, 2005, p. 88). De resto, é Primo Levi quem, em *A trégua*, transmite a lição que aprendeu com um esplêndido e exasperante personagem com quem conviveu durante sua longa viagem de regresso à Itália: “A guerra é sempre”.

REFÊRENCIAS

AUSTIN, J. **Philosophical papers**. The Clarendon Press: Oxford, 1961.

BORGES, J.L. Do rigor da ciência. In: BORGES, J.L. **O fazedor**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

CLYNYTOWICZ, R. Prefácio. In: WINOGRAD, L. **Um testemunho do século 20**. guerras, revoluções, holocausto, imigração. Florianópolis, Editora da UFSC, no prelo.

LEVI, P. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

_____. **A trégua**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Los hundidos y los salvados**. Barcelona: El Aleph Editores, 2005.

MACGREGOR-HAY, R. **O dia do leão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

PATRUNO, N. **Understanding Primo Levi**. Columbia, SC: The University of South Carolina Press, 1995.

PRIMO Levi: Back to Auschwitz. Produção: Rai Italia, 983. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=cPOKXfHOuw4>>. Acesso em: 22 dez. 2014.

**THE MEMORY IS GRAY:
CONSIDERATIONS FOR THE DROWNED
AND THE SAVED, BY PRIMO LEVI**

Abstract: In this article, I make an attempt to reflect on some implications of the concept of gray zone, proposed by the Italian Jew writer Primo Levi in the third book of his Auschwitz Trilogy. Particularly, the task is to understand the mendacity of memories along with the fact that almost all of the survivors emerged from the gray zone. In Auschwitz, the survivors – the “inhabitants” of the gray zone – always survive in someone else's shoes. In fact, the condition of survival is the death of another prisoner. Thus, the events that can be narrated – the ones experienced by the survivor – are both constituted by but, at the same time, ruined by an intimate and insoluble relationship to the unspeakable experience of the prisoners who died in the camp.

Keywords: Testimony. Holocaust. Gray Zone.

**LA MEMORIA ES GRIS:
CONSIDERACIONES PARA LOS HUNDIDOS
Y LOS SALVADOS, POR PRIMO LEVI**

Resumen: En este artículo, voy a tratar de reflexionar sobre algunas implicaciones del concepto de zona gris, redactados por los italianos escritor judío Primo Levi en el tercer libro de su trilogía de Auschwitz. En particular, ententarei comprender cómo esta noción no opne a las de Primo Levi sobre la mendacidad de memoria. La idea es mostrar que – si, como se indica Levi, la memoria proviene de la zona gris, donde la condición es que sobrevivir implica que otro muera en su lugar – el único evento narrables, es decir, la duración sobrevivir , constituye sino también descompleta en una relación íntima e indisoluble con lo que pasó a los que murieron, este rompecabezas indecible que el sobreviviente, al estar en la zona gris, tangenciou pero no experimentado.

Palabras clave: Testimonio. Holocausto. Zona gris.

